



Revista PsiPro  
PsiPro Journal  
1(2): 107-123, 2022  
ISSN: 2763-8200

Artigo

## ATENÇÃO PSICOLÓGICA: TESTEMUNHO E COAUTORIA

PSYCHOLOGICAL ATTENTION: TESTIMONY AND CO-AUTHORSHIP

Recebimento do original: 01/09/2022  
Aceitação para publicação: 18/10/2022

### Itala Daniela da Silva

Doutoranda e Mestra em Psicologia Clínica (Unicap). Especialista em Moderna Educação (PUC-RS). Bacharela em Psicologia (Unifavip). Bacharela em Teologia (Fafica). Atualmente Professora e Pesquisadora no Programa de Produtividade UNIFAVIP-WYDEN. E-mail: italadaniela@gmail.com.

**RESUMO:** O presente trabalho discute sobre os conceitos de coautoria e testemunho na perspectiva arendtiana e articula com a atenção psicológica. As experiências clínicas, de supervisão e as dissertações do grupo de estudo Unicap ofereceram o lastro para as análises apresentadas nesse relato de experiência. A coautoria diz respeito a condição do homem/mulher de viver numa teia de relações humanas. Está atrelado a nossa condição política, o espaço de convivência entre homens que possibilita a ação. A ação aparece a partir do discurso/narrativa e necessita do testemunho de outras pessoas que dá a história contada a constatação da realidade. Esses conceitos convocam as práticas psicológicas a se sensibilizarem para a característica política do homem no mundo, que ao aparecer numa arena pública revelam sua singularidade. Convida ainda a psicologia a



pensar intervenções que possibilite o aparecimento da doxa e das histórias de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia, Atenção Psicológica, Testemunho, Coautoria, Hannah Arendt.

**ABSTRACT:** The present work discusses the concepts of co-authorship and testimony in the Arendtian perspective and articulates it with psychological attention. The clinical and supervisory experiences and the dissertations of the Unicap study group provided the basis for the analyzes presented in this experience report. Co-authorship concerns the condition of man/woman to live in a web of human relationships. It is linked to our political condition, the space of coexistence between men that makes action possible. The action appears from the discourse/narrative and needs the testimony of other people who give the story told the verification of reality. These concepts summon psychological practices to sensitize themselves to the political characteristic of man in the world, which, when appearing in a public arena, reveal their uniqueness. It also invites psychology to think about interventions that allow the emergence of doxa and life stories.

**KEYWORDS:** Psychology, Psychological Attention, Testimony, Co-authorship, Hannah Arendt.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

## Introdução

Desde o período de estágio, no curso de Psicologia, nós somos colocados no movimento do exercício da escuta. A partir de então, vamos construindo nossa história de sermos psicólogos/as, ainda que, nesse início, no lugar de estagiários. Hoje, 7 anos depois da minha colação de grau, percebo que recorro as experiências que vivi desde o estágio para contar sobre as práticas proporcionadas pela Psicologia.



Para escrever sobre testemunho de história singulares e sua importância no campo da atenção clínica, lembrei de uma experiência vivenciada numa Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM).

Na época, a Instituição de Ensino tinha a DEAM como um dos campos de estágio em que os/as alunos/as poderiam realizar atendimentos na modalidade de Plantão Psicológico. O atendimento era oferecido para as mulheres, crianças e familiares que chegassem à delegacia para prestar uma queixa. Estendíamos o atendimento aos familiares e crianças por compreender que, apesar da vítima principal ser a mulher, aqueles que estavam com ela também apresentavam um sofrimento. Enquanto grupo também compreendíamos a importância de oferecer esse atendimento ao autor da violência intrafamiliar, uma vez que a escuta e a compreensão poderiam favorecer a diminuição da reincidência da violência. No entanto, esse atendimento ao autor não era bem aceito pela responsável da DEAM, por mais que apresentássemos os motivos técnicos, éticos e de Políticas Públicas que subsidiavam essa nossa posição.

O serviço funcionava da Segunda até a Sexta-feira, no horário das 8h às 18h. Os plantonistas se reversavam e cada um tinha seu horário e turno previamente estabelecido. No campo, havia a preceptora em todos os horários em que os plantonistas estivessem em campo tanto pelos aspectos legais como para oferecer suporte técnico e organizar o serviço.

O campo era permeado de surpresas. Havia dias que a movimentação era intensa. Em outros não aparecia nenhuma demanda. Curiosamente as segundas-feiras e sextas-feiras eram os dias de maior movimentação, sobretudo quando havia feriado



prolongado. As vezes essas mulheres, com ou sem familiares, chegavam sem direcionamento policial, sendo, portanto, uma demanda mais espontânea. Outras vezes elas chegavam junto com as viaturas e os policiais, quando se tratava de um flagrante ou quando elas tinham acionado o 190 ainda que o autor tivesse se ausentado do local.

Contextualizei o serviço para compartilhar uma experiência vivida em campo. Lembrei desse momento quando me sentei para escrever sobre a importância do testemunho na atenção psicológica. Em outros trabalhos do grupo de pesquisa (Walckoff, 2016; Alencar, 2018; Lima-Junior, 2019; Melo, 2019), já havíamos percebido a importância do testemunho. No entanto, ao me inclinar para essa temática mais uma vez, percebi que desde quando eu era estagiária isso já se mostrava nos atendimentos, ainda que eu na época eu não estivesse atenta e que eu só consiga fazer esse olhar retroativo atualmente, a partir dos estudos realizados pelo grupo de pesquisa.

Ao olhar retroativamente para minha trajetória de escuta, lembrei que numa Sexta-Feira, eu estava de Plantão na DEAM quando chegou uma jovem com idade entre 19-22 anos que a chamarei de Aurora (que desponta antes de qualquer coisa). Aurora nos pegou desprevenidos, já que foi umas das sextas-feiras tranquilas na delegacia. Eu, a outra estagiária, a preceptora e a agente policial estávamos falando de coisas aleatórias quando ela entrou na sala e já se sentou para o atendimento policial. Geralmente, antes delas (as mulheres) irem para o atendimento policial, elas passavam por algum/a estagiário/a de Psicologia, por isso eu digo que fomos pegadas desprevenidas. Eu e as outras pessoas que estavam na sala, acompanhamos as perguntas dela a policial. Aurora chegou com o



nome de uma pessoa no papel e disse que queria saber o que de tão grave aquela pessoa tinha feito, pois todos diziam para ela se afastar dele. Que ele não era uma boa pessoa para ela. A agente policial pegou o nome e fez uma busca no sistema. Como resposta ela só disse que a jovem acreditasse nas pessoas, que ele era perigoso, mas que não podia dizer nada para ela pois os processos corriam em segredo de justiça. Ela insistiu em querer saber, mas a policial não poderia falar mais do que já havia sido dito.

Na circunstância a preceptora olhou para mim e para outra estagiária para ver quem iria se dispor a oferecer um atendimento para aquela jovem. Levantei, prontamente me apresentei e perguntei se ela queria ir para outro espaço para falarmos sobre aquilo. Ela aceitou e fomos para a garagem ao lado, anexo da DEAM. Perguntei o que havia motivado ela ter ido a delegacia naquela tarde. Ela disse que essa dúvida que as pessoas colocavam nela de que ele era uma pessoa não confiável, que era uma pessoa perigosa, etc. Perguntei como ele era com ela. Ela me contou que no final de semana anterior o namorado havia a empurrado dentro do carro, humilhado em um supermercado, trancado-a em casa e várias outras coisas. Dei espaço para ela narrar o que vinha acontecendo com ela nessa relação. Testemunhei o seu aparecimento público (porque ela estava se apresentando para mim naquele momento) que narrava sucessivas violências. Ao final de sua narrativa, questionei mais uma vez o que havia a levado à delegacia naquela tarde. E ela disse que para se certificar que ele seria o que as pessoas falavam sobre ele. Questionei: Mas, o que ele fez com você não tem sido suficiente para você perceber quem ele é? Nesse momento ela chorou. Ela me disse que não havia percebido tão claramente que ele já tinha se mostrado perigoso para ela e para o





filho dela. Perguntei o que ela queria fazer, então. Eu imaginava que ela pudesse querer comunicar isso a autoridade policial e realizar o Boletim de Ocorrência ou abrir o processo contra ele. No entanto, Aurora me respondeu que queria ir para casa e ver o que fazer.

### **Narrativa e testemunho: possibilidades à compreensão**

Eu não sei o que Aurora fez com a vida depois de narrá-la para mim e de eu estar naquele lugar como testemunha do seu aparecimento público. Só hoje, olhando retroativamente para essa história, eu consigo perceber a narrativa e o testemunho nessa atenção psicológica. Só hoje quando leio Hannah Arendt me falando sobre Ulisses, consigo perceber que narrativa e testemunho se mostram como possibilitadores de compreensão. Há uma similaridade entre a narrativa de Ulisses e Aurora. Hannah Arendt (2014b: 74) discute que quando Ulisses conta/escuta a estória de sua própria vida ela deixa de ser pura ocorrência para se tornar História propriamente. Essas histórias advêm de narrativas orais ou escritas. No entanto, é importante destacar que narrar é diferente de explicar. Narrar, para Walter Benjamin (2012) é intercambiar experiências. E, para o mesmo autor, o ato de narrar entrou em extinção, a partir do século XX, e deu espaço para a informação e explicação. Compreendo que essa extinção da narrativa ainda é presente no século XXI e tem se potencializado com a ampliação das ferramentas tecnológicas que cerceiam a narrativa em detrimento de informações comunicadas com a maior brevidade possível, seja com uma imagem no Instagram, quantitativo limitado de caracteres no Twitter ou pelo uso do aceleração de voz 2x nos áudios do WhatsApp.



Possivelmente se eu tivesse apenas realizados perguntas pontuais a Aurora, ela poderia entrar no modo explicativo e informativo, no entanto a abertura dada para que uma narrativa ocorresse possibilitou que eu e ela compreendêssemos a História que ela estava contando e o como isso poderia impactar a vida dela. Foi uma compreensão para a vida concreta. E por isso ela precisa voltar e ver como vai organizar o compreendido em sua história. Não eram meras informações e explicações que tinham uma linearidade de encaminhamentos e destinações. Compreender o que o namorado fez com ela impactaria a vida, as relações e era isso que ela precisaria entender como organizar antes de decidir qualquer coisa a partir de então. O reconhecimento dos acontecimentos vividos na vida, a partir de experiências comunicáveis se dá a partir da narrativa construída pelo olhar retroativo e se dá após uma ação. Algo que acontece na vida e altera o repertório de compreensão que havia. Como indica Hannah Arendt (1993: 49):

Sempre que ocorre um evento grande o suficiente para iluminar seu próprio passado a história acontece. Só então o labirinto caótico dos acontecimentos passados emerge como uma estória que pode ser contada, porque tem um começo e um fim.

Contar os acontecimentos, através de discursos narrativos, é um modo de compreender a histórias e se reconciliar com elas. A compreensão e o conhecimento, apesar de interligar-se, são coisas distintas. O conhecimento está a serviço do pensamento cognitivo e/ou filosófico que não tem uma necessária relação com a vida ativa e, por isso, sua construção pode ser explicativa. No entanto, a compreensão, além de estabelecer uma íntima relação com a vida ativa, necessita do



discurso, da narrativa e do pensamento compreensivo, que é devotado a urgência imediata reconciliação com o mundo.

Para Arendt (1993: 39):

A compreensão é um processo complexo, que jamais produz resultados inequívocos. Trata-se de uma atividade interminável, por meio da qual, em constante mudança e variação, aprendemos a lidar com nossa realidade, reconciliamo-nos com ela, isto é, tentamos nos sentir em casa no mundo.

A narrativa, matéria prima para que a compreensão possa ocorrer, nasce das experiências humanas, sejam elas próprias, ou seja, biográficas, ou relatadas por outras pessoas (Benjamim, 2012).

Segundo Ludz (2010: 23),

Lá narración ilustra um aspecto ulterior de la comprensión: <<Cuando otras personas comprenden, en el mismo sentido en que yo he comprendido, esto me produce una satisfacción que es como un sentimiento de pertenencia>>, decía Hannah Arendt<sup>1</sup>.

As narrativas, portanto, se dão após os acontecimentos. Só podemos falar/contar sobre algo quando já passou. Cada história contada ao mesmo tempo em que é finalização pode ser abertura. As histórias narradas comportam a totalidade do existir humano no sincronismo temporal da vida cotidiana “que é determinada pelo intervalo de tempo relativamente curto de sua plena aparição, de sua epifania” (Arendt, 2008: 38). As narrativas são os discursos pelos

---

<sup>1</sup> “A narração ilustra um aspecto anterior a da compreensão. <<Quando outras pessoas compreendem, no mesmo sentido que eu tenho compreendido, isto me produz uma satisfação que é um mesmo que um sentimento de pertença>>, dizia Hannah Arendt. (Tradução livre)





quais os homens podem aparecer uns aos outros, distinguindo-se e efetivando sua condição de pluralidade. Para Arendt (2014a: 222), “ao agir e ao falar, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e únicas, e assim fazem seu aparecimento no mundo”. Desse modo, o narrar está entrelaçado à ação e, por sua vez, ação “como início, corresponde ao fato do nascimento” (Arendt, 2014a:220) e, portanto, à possibilidade de se iniciar algo novo.

Nesse sentido, “somente com a constante disposição para mudar de ideia e recomeçar pode-se confiar a eles um poder tão grande quanto o de começar algo novo” e investir em novas promessas e destinações (Arendt, 2014a: 298). Esse movimento de liberar-se para viver outras coisas, para iniciar algo novo, convoca o homem a compreender o mundo com vistas a voltar a habitá-lo de um jeito novo. Para Arendt (2008), diferente do pensamento que se encerra frente aos resultados ‘definitivos’ obtidos, a compreensão produz resultados momentâneos de reconciliação com o mundo.

Walckoff (2016), ao produzir conhecimento sobre a atenção psicológica iluminada pelo pensamento de Hannah Arendt, indica que:

Embora a psicologia tenha buscado se distanciar da vida, se afugentando na reflexão e suas teorias explicativas, é para ela que somos convocados quando ouvimos a demanda das pessoas que buscam a psicologia de algum modo e é para ela, portanto, que temos que nos dirigir. Precisamos nos utilizar da reflexão, sem dúvida, mas como compreensão, como ato contínuo de degelar concepções para dar conta das questões que a vida nos coloca constantemente. Isso é o que faz o pensamento de Hannah Arendt tão fértil para a psicologia (Walckoff, 2016: 63)



Sem dúvida, a primeira torção que ocorre numa prática psicológica influenciada pelo pensamento arendtiano é a distinção entre o pensamento que reflete e o pensamento que compreende. Para Hannah Arendt (2008) há uma distinção entre esses tipos de pensamento. O pensamento cognitivo e filosófico (aquele que reflete) são modos de pensar, na maioria das vezes, reservado aos pensadores profissionais, filósofos e cientistas. O pensamento compreensivo, diferente dos citados anteriormente, está presente em toda a pessoa humana, visto que está diretamente relacionado a cotidianidade da vida. O pensamento compreensivo é, segundo Arendt (2002: 52) o modo que permite “que os homens da ação, no final das contas, aprendam a lidar com o que irrevogavelmente passou e reconciliar-se com o que inevitavelmente existe”.

É sabido pela comunidade acadêmica que Hannah Arendt “não se preocupou com fenômenos psicológicos, essa nunca foi uma questão para ela, mas sua obra está próxima de nós por ser atravessada por uma preocupação permanente em compreender a vida vivida” (Walckoff, 2016: 63).

As pessoas, ao buscarem o atendimento psicológico, apresentam uma demanda concreta da vida cotidiana que é vivida em meio a teia das relações humanas. Muitas vezes aquilo que era familiar sofre alguma alteração e, deixando de se ter repertório para lidar com os acontecimentos da vida, as pessoas entram em processos de sofrimento.

O pensamento reflexivo não lida com as asperezas da vida. Ou seja, não lida com as resistências que existem na teia das relações humanas. Ao chegar nos consultórios psicologia, “não basta as pessoas atendidas aclararem o seu sofrimento. É preciso que o compreendam,



no sentido arendtiano, para perceber o que está em jogo e a quais peças elas podem recorrer para iniciar novos movimentos” na vida (Walckoff, 2016: 51).

Para que essa compreensão ocorra nos espaços terapêuticos, é necessário que o psicólogo/a esteja sensível a ouvir uma narrativa e não a buscar uma explicação. No momento em que se busca causalidades e explicações, distancia-se da narrativa genuína proposta por Walter Benjamin (2012). A narrativa ocorre de forma artesanal entre duas pessoas que deixam as marcas de suas singularidades na história constituída. É a narrativa que intercambia a história biográfica revelando o fio de sentido que tece aquela existência (Critelli, 2012).

No entanto, para que essa narrativa se dê e possibilite a compreensão, é necessário que aquele que escuta as histórias seja um bom ouvinte-narrador. Isso porque, ao acolher narrativas, é possível colocar vírgulas, auxiliando no encaminhamento de novas destinações. Essas vírgulas são postas a partir das perguntas feitas no ato de ouvir. Perguntas essas que não busca explicações, mas estimula a narração. Para explicar sobre a distinção entre a busca por informação e a estimulação de uma narrativa, recorro a experiência de ouvir alguém contar sobre uma viagem que fez. Queremos saber a experiência, os melhores lugares, os perrengues... Não queremos explicações do “porque” foi assim, mas como foi. O como estimula a narrativa, abre espaço para um intercâmbio de uma experiência.

O ouvinte dessa viagem-vida é a testemunha que dá ao acontecimento narrado a característica de realidade. O testemunho é importante para conferir realidade, pois no movimento fenomênico do mundo, ser e aparecer coincidem (Arendt, 2008). Logo, aquilo que existe necessita aparecer na esfera pública dos assuntos humanos.



Concordando com esse aspecto, Critelli (2012: 77) diz que “o testemunho dá ao fato ocorrido na existência humana solidez e durabilidade e confere aos atos e as palavras a sua realidade”. A partir do aparecimento para alguém, os acontecimentos narrados tornam-se irreversíveis, pois passaram pelo crivo do testemunho. É curioso perceber como esse testemunho é importante para os/as pacientes. Ao chegarem no consultório, no Plantão Psicológico ou em outros serviços de atendimento psicológico e narrarem experiências de violações, abusos e outros grandes sofrimentos, muitas pessoas não conseguem ter a dimensão do ocorrido em sua história até que, ao compartilhar, elas percebem, a partir do olhar singular do terapeuta o quanto o fato ocorrido foi efetivamente grande. O olhar da testemunha assegura a realidade do sofrimento e da história de vida.

Via narrativa, aquilo que é grande, real e que foi compartilhado, pode se reorganizar em uma história para que se possa ser compreendido. A vida narrada tem um começo, um meio e um fim. Tem um sentido e uma destinação. Logo, ao arrumar os acontecimentos da vida em uma história é mais fácil de lidar com ela. Como escreveu Isak Dinesen, evocada por Arendt (2014a: 217), “todas as mágoas se tornam suportáveis se as colocamos em uma história [*story*] ou contamos uma estória sobre elas”.

### **Seria a atenção psicológica uma clínica do testemunho e da coautoria?**

Enquanto reflito sobre a atenção psicológica que tenho realizado em meu consultório nos atendimentos sistemáticos ou nos Plantões Psicológicos, bem como quando resgato as histórias dos meus



atendimentos ao longo da prática profissional, fica evidente a importância do testemunho que vivo em cada atendimento/escuta que realizo. Lembro ainda que o olhar do meu psicoterapeuta também tem sido um testemunho importante para possibilitar que eu compreenda a minha História de vida e me abra a novas destinações.

Ao escrevo sobre esses aspectos, recordo os trabalhos realizados pelo grupo de pesquisa da Unicap, especialmente o texto sobre “Peri, nosso herói” (Walckoff, 2016) e a dissertação de mestrado de Silvia Melo (2019).

Peri, um adolescente de 14 anos foi atendido pela equipe de plantonista do nosso grupo. Sua história de vida é marcada por violações sexuais, uso de drogas, abandonos, miséria absoluta e outras vulnerabilidades. Sua história de vida o adoeceu da vontade. Esse adoecimento advém da falta de esperança de realizar coisas diferentes na vida devido ao histórico de restrição de possibilidades (Walckoff, 2016). Olhar para a vida e perceber que ela sempre se constituiu de um determinado modo, pode minar a esperança de que ela possa ocorrer de um outro jeito.

Essa falta de esperança também foi narrada por Silvia Melo (2019) em sua dissertação, fruto de uma pesquisa-extensão que aconteceu nas ruas do Recife, PE. Os adultos apátridas, como foram chamados por Melo (2019) tem em seu lastro de vida relações sociais esgarçadas/fragilizadas, construídas em um cenário de miserabilidade, violência e demasiada restrição até de acesso a serviços públicos e direitos básico que supostamente são assegurados pela Constituição brasileira a todos os cidadãos/ãs.

Ao olharmos para a fragilidade dos vínculos e para a falta de esperança presente na história de Peri e dos adultos em situação de rua, podemos nos perguntar qual seria o papel da psicologia? Silvia





Melo (2019) aponta que percebeu a importância do vínculo estabelecido nos atendimentos, inclusive em uma das ocasiões de atendimento, uma das pessoas acolhidas por Melo, chegou a “testar” o vínculo estabelecido no atendimento. Era como se aquelas pessoas quisessem saber se de fato os plantonistas estavam dispostos para aquele vínculo, apesar de passageiro. Isso levou Melo a compreender que os plantonistas apareciam como coautores que poderiam costurar novas narrativas, novos olhares sobre o que era contado. Melo (2019: 77) conclui que:

Minha impressão é de que essas pessoas precisam de uma rede de relações que as acolham de um modo que elas possam começar a ser marcadas de outra forma, por meio de experiências de aparição, de visibilidade, o que não é possível acontecer na solidão em que vivem.

A presença atenta e o testemunho oferecido no atendimento clínico oportunizam que o olhar seja ampliado e que as questões sejam consideradas para além do fator intrapsíquico. A teia de relações humanas é priorizada e o agir ou não agir é compreendido circundado por essa condição plural. Talvez seja muito difícil efetivar ações e iniciar novos encaminhamentos biográficos quando se acredita na possibilidade da solidão.

A mesma coisa ocorreu com Peri. No momento em que os plantonistas se dispuseram como testemunha e coautor de sua história singular, ele começou a resgatar a esperança. Conforme indica Walckoff (2016: 60), “os coautores agora não eram mais abusadores sexuais, traficantes, exploradores. Eram uma equipe médica dedicada a ele, plantonistas atentos ao que se passava com ele”.



Nesse sentido, parece-me que a Psicologia é convidada a ser testemunha das biografias humanas que buscam no campo psicológico um modo de compreender as suas existências para encaminhar novos direcionamentos para as suas vidas. Há, portanto, um convite para nós psicólogos/as nos inclinarmos às narrativas, enquanto intercâmbios de experiências. A prática psicológica se disporia, portanto, comprometida com o pensamento compreensivo que tem maior proximidade com a vida ativa. Não há um anseio em construir uma prática galgada na neutralidade. Ao contrário, o profissional atravessado por esses norteamentos “assume visceralmente o fato da coautoria da vida por meio da narrativa” (Walckoff, 2016: 61). Tanto aquele que atende, quanto aquele que é atendido, imprimem na história construída suas singularidades. É a singularidade do olhar do/a psicólogo/a, acrescida da singularidade daquele que dispõe de uma atenção psicológica que favorecerá a ampliação das possibilidades compreensivas.

Nesse cenário, alguns desafios se colocam e estão diretamente relacionados com a narrativa, recurso primordial para uma atenção psicológica do testemunho e da coautoria. Para Benjamin (2012), “a arte de narrar está em vias de extinção” e a expulsão das narrativas das esferas dos assuntos humanos, além de estar situada na história do pós-guerra, também está vinculada a evolução das formas produtivas, capitalistas e tecnológicas. Com o advento da tecnologia, sobreveio também a difusão da informação que tem contribuído significativamente com o declínio da capacidade de intercambiar experiências.

Segundo Benjamin (2012: 219)



A cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão para tal é que todos os fatos já não chegam impregnados de explicação. Em outras palavras: quase nada do que acontece é favorável à narrativa, e quase tudo beneficia a informação.

Partindo desse pressuposto, o grande desafio para realizar uma atenção psicológica que guarda o testemunho e a coautoria como primordial, é exercitar os profissionais para uma escuta que não busca teóricas explicativas. É importante fomentar a narrativa, sabendo que “metade da arte narrativa está em, ao comunicar uma história, evitar explicações” (Benjamin, 2012: 219).

## REFERÊNCIAS

- Almeida, M. A. J. (2018). **A História de Jovens com Experiência de Acolhimento Institucional, tendo como pano de fundo o conceito de natalidade de Hannah Arendt**. Dissertação [Mestrado em Psicologia Clínica]. Universidade Católica de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação. (UNICAP). Recife.
- Arendt, H. (1993). **A Dignidade da Política: ensaios e conferências**. (Org.). Antônio, A. Trad. Helena, M. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Arendt, H. (2008). **A Vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Arendt, H. (2014a). **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Arendt, H. (2014b). **Entre Passado e o Futuro**. Trad. Mauro, W. B. São Paulo: Perspectiva; The Viking Express. (Debates; 64/ dirigida por J. Guinsburg).



Benjamin, W. (2012). **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre a literatura e história da cultura.** São Paulo. Brasiliense.

Critelli, D. M. (2012). **História Pessoal e Sentido da vida: historiobiografia.** São Paulo: EDUC-FAPESP.

Daniela, I. (2016). **O velar como des-vela-dor da vida: a possibilidade da natalidade (re)velada no plantão psicológico.** Dissertação [Mestrado em Psicologia Clínica]. Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Recife.

Dolomieu, V. R. F. A. A. (2016). **Sobre a vida e o viver: uma compreensão arendtiana da experiência de vida atravessada pela hemodiálise.** Dissertação [Mestrado em Psicologia Clínica]. Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Recife.

Lima-Junior, I. S. (2019). **Histórias de Infâncias na Rua: Uma Narrativa Entre Violação de Direitos e Proteção da Vida.** Dissertação [Mestrado em Psicologia Clínica]. Universidade Católica de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação. (UNICAP). Recife.

Ludz, U. (2010). "Introduccion". In: Haro, A.S. **Hannah Arendt - Lo Que Quiero Es Comprender: sobre mi vida y mi obra.** Madrid. Trotta.

Melo, S.E. (2019) **História de Vida de Adultos Apátridas de Rua. Dissertação** [Mestrado em Psicologia Clínica]. Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Recife.

Walckoff, S. D. B. (2015). **A Atenção Psicológica à Ação Arendtiana no Plantão Psicológico.** 13f. Projeto de Pesquisa. Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Recife.

Walckoff, S.D.B. (2016). **As possibilidades do pensamento de Hannah Arendt na Prática psicológica.** Curitiba: CRV.